EDITORIAL

PORTE PAGO

O Espírito Europeu

O projecto americano popularmente conhecido por «Guerra das Estrelas» pretende desenvolver tecnologias para aplicações militares. Com este objectivo promoverá necessariamente o desenvolvimento de conhecimentos científicos fundamentais (que aparecem como subprodutos). Trata-se de um programa ambicioso, que irá provocar um maior avanço tecnológico dos E. U. A., ao mesmo tempo que dará o almejado reforço às metodologias de defesa do país. Este sentido prático pretende justificar os avultados investimentos que vão sendo sugados por tão espantoso projecto. A verdade é que as indústrias americanas, e por consequência o respectivo tecido social, recebem incentivos de motivação, pelo rejuvenescimento dos objectivos socio-económicos e pela perspectiva de um predomínio mundial definitivo.

«Quem te avisa teu amigo é», discursa Ronald Reagan aos europeus. Na realidade o atraso tecnológico em que a Europa se encontra confrange os mais conscientes, receosos de uma espécie de colonização científica. E levantam-se os ânimos de alguns para criar um novo espírito europeu.

A Europa reagiu àquela iniciativa com uma **estratégia europeia** designada ESPRIT ou European Strategic Programme for Research and Development in Information Technology. Trata-se de um programa para dez anos, cuja primeira fase vai de 1884 a 1988 e durante a qual serão gastos 1500 milhões de ECU (actualmente 1 ECU equivale a 138 escudos). Mas existe uma diferença conceptual importante em relação ao programa americano: os objectivos são puramente civis. A garantia desta intenção está cunhada nas comparticipações dos encargos, que se repartem em 50 % para a Comunidade Europeia (portanto para os Estados Europeus) e 50 % para a Indústria. A ideia basilar pretende acabar de vez com os feudos nacionais no seio do mercado comunitário. Mas como? Pela definição de objectivos bem caracterizados e um controlo apertado das abordagens. Em última análise deseja-se conseguir tão simples aspiração: dar à Europa o necessário impulso tecnológico, atendendo à economia de escala, com vista a criar um grande mercado interno unificado.

Portugal já está na Europa. Portanto faz parte deste movimento. Cumpre agora acompanhar a inovação, respirando o mesmo ar renovador, adquirindo o novo «espírito» europeu. Mas quem? Com todo este degradado ambiente político-económico que nos envolve, mal se pressente que a Europa-além rejubila de juventude e trabalha com outra esperança.

Um objectivo essencial consiste na consolidação do **espaço industrial europeu,** conceito definido em 1981 pela Comunidade Europeia através da selecção dos sectores que provocam claramente avanços tecnológicos à escala do continente. Neste aspecto destacam-se as tecnologias de informação. Não admira portanto que o programa ESPRIT se concentre na investigação em cinco campos de acção essenciais ao desenvolvimento das tecnologias informacionais: três sobre tecnologias de base, nomeadamente a microelectrónica de ponta, tratamento avançado da informação e engenharia de programação; e dois acerca de aplicações específicas, concretamente a automatização das actividades de produção e a fabricação assistida a computador.

Em Junho de 1985 o clube de empresários europeus, encabeçado pelo administrador da «Volvo», anunciou que os industriais da Europa resolveram criar empresas que facilitem o acesso ao capital-risco, na peugada dos bons exemplos americanos, e decidiram participar em grandes projectos de infraestruturas, tais como o túnel na Mancha, a ligação de Gibraltar à África ou a expansão da rede do TGV (comboio de grande velocidade, que já comunica Paris ao Sul da França muito acima das três centenas de quilómetros horários).

É claro que o espaço industrial europeu não se restringe à definição de grandes linhas de rumo, mas assenta nelas. Também as pequenas e médias empresas vêem possibilidades de expansão ou melhor sobrevivência, dentro do quadro de uma moderna visão empresarial: alta produtividade, superior

qualidade, estrutura flexível. De facto, os avanços tecnológicos provocam rápidas mutações nas concepções, exigindo maior agressividade mercantil e daí uma crescente mobilidade nas penetrações dos mercados.

Procura-se assim concretizar outro objectivo fundamental: a criação de um verdadeiro **espaço europeu de investigação.** Na realidade, o passado testemunha uma dispersão nefasta, bem patente na deficiente estratégia da telemática (contração de «telecomunicações» e «informática»), lançada em 1979 pelos franceses mas que acabou por se perder em diferendos entre a França e a Alemanha: enquanto os franceses pretendiam anular a intervenção das empresas americanas implantadas na Europa, os alemães achavam melhor deixar a abertura total a qualquer empresa. A verdade é que os debates estagnaram a nascente. E a telemática europeia definhou-se, qual fonte seca sem fio contínuo. Todavia o novo espírito europeu, ora latente, ultrapassa guerras de capelinha, definindo antes de tudo as linhas estratégicas que depois se consubstanciam nos modos de financiamento mais adequados.

Toda a estratégia delineada procura atingir resultados práticos, que beneficiem as indústrias europeias. Desfazem-se assim as barreiras tradicionalmente existentes entre investigação pura e investigação aplicada. Entende-se que todo o desenvolvimento concreto mas inovador assenta numa estrutura de conhecimentos que não permite a prejudicial separação dos investigadores em teóricos e práticos, puros e aplicados ou outra devastadora terminologia dicotómica. Pelo contrário, a conjugação de esforços incrementa o progresso porque as retroacções dos pensamentos e da realidade interligam-se mutuamente no mais curto intervalo de tempo.

Além disso, consegue-se pôr lado a lado investigadores de disciplinas diferentes com afinidades. Também estas muralhas, construídas pela tradicional repartição das ciências em compartimentos, devem ser demolidas sem vacilar. O trabalho em equipa só é profícuo se as equipas se articularem como um todo. Por isso, a ideia da globalidade adensa-se cada vez mais. Mas sempre sob a perspectiva de conceber novos produtos competitivos para o mercado.

Na década passada os países da Comunidade Europeia, não tendo qualquer estratégia comum, gastaram 470 milhões de dólares em cinco anos para desenvolver novas gerações de microprocessadores. No mesmo período o Japão dedicou a essa temática apenas 240 milhões de dólares. O resultado prático, contudo, foi que esta metade de capital investido chegou para ocupar 40 % do mercado mundial de microprocessadores, enquanto os europeus não chegaram a atingir 10 %. A necessidade de reunir esforços tornou-se então evidente. E o novo espírito europeu começou a despontar.

Os promotores do ESPRIT declaram que não se trata de mais um poço roto, onde desaparecem indefinidamente subsídios a fundo perdido. As apreciações dos **projectos** financiados são feitas a partir de critérios de qualidade, que garantem a isenção de discriminações entre países pequenos e grandes ou entre pequenos e grandes centros de investigação e desenvolvimento. Nesse sentido existe um conselho fiscalizador, formado por individualidades científicas de reconhecida notoriedade, algumas carregadas com a responsabilidade de prémios Nobel, que periodicamente analisa se os projectos financiados satisfazem a uma gestão moderna.

Todos os anos são seleccionados, em concursos públicos, projectos transnacionais, que tenham a participação de pelo menos duas entidades pertencentes a países diferentes e entre as quais se encontram empresas industriais, laboratórios de investigação ou centros universitários. Tais requisitos são indispensáveis. Por isso se vive hoje em Portugal uma certa efervescência entre os grupos de investigadores da Universidade Portuguesa, abeirando-se cada qual do Poder Político, pelas formas que lhe sejam mais propícias, numa abordagem surda, quase sempre mesquinha, própria das estruturas sociais subdesenvolvidas, sem qualquer planeamento aparente, segundo a lei primitiva do «salve-se quem puder».

É neste contexto que o novo Governo rearruma os Ministérios. O rearranjo porém deverá corresponder de facto a um novo espírito europeu, que propicie a igualdade de acesso aos projectos europeus por parte de todos os investigadores e empresas industriais que queiram acompanhar o ritmo da Europa. Ou será que se irão reagrupar as capelinhas e distribuir as possibilidades propostas além-Pirinéus entre as quintas dos novos detentores da informação? Os últimos a saber daquilo que se dispõe serão os derradeiros a colher oportunidades possíveis. A informação atempada torna-se assim indispensável e deverá ser eficiente. Só que a burocracia do sistema social e a carência dos melhores meios de comunicação colocam os eleitos na singular posição de colher o maior benefício. Seguindo a tradição, serão esses eleitos os primeiros beneficiários. Depois chegam os parentes. E quase tudo fica em família. Os restantes que gritem bem alto: é preciso criar mesmo um espírito europeu.

Hermínio Duarte-Ramos